



Jonas Pessoa do Nascimento

ANIMAIS URBANOS

EDITORA PENALUX
Guaratinguetá, 2022



passam os automóveis
olho da janela
as vidas sitiadas

estes animais urbanos
tangidos em suas misérias?
essa mancha de sol
incrustada na pele
cheira a efeito estufa que
arde formiga
queima abrasa

encardida/margarida
andando perdida na avenida
onde os peregrinos
deixam suas fezes
derramadas
sobre os pés dos generais
oficiais (de parede)
com óculos embaçados
no quadrado do quartel
chega a polícia
atira no alvo
depois para o alto

cansadas lesadas
maldespertadas
para aonde vão

faz tostada
a sina que germina
menina surda-muda
de saia surrada

menino chora
não arruma a cama
a fadiga aflora
um idoso engas(gado)

é guardião do lar
mas já ancião
baba es(puma) pela b(oca)
se acaba coisa louca
a vida gira
antibiótico
para a fraqueza
beleza fortaleza
que dor horror
já passou voltou

duas filhas na faculdade dificuldade
violência dormência
tocou o sinal
muita demora
a mulher chora
cama vazia

casa à venda
telefone chama
carro enguiçado
desfile de cães
graxa na mão
muda a estação

foi assalto
ele estava armado

condenado sufocado

o vil metal

tiros na rua

— |
| —

contas no vermelho
no espelho cabelos brancos
selfie imagem retocada
cara a(maçada)

nada camarada

obra de arte
a cidade mostra
em toda parte
debaixo da ponte
no meio da praça

essa gente
tão doente
sem nome
passando fome
a droga a mãe roga
mas se prorroga

comove não chove
desvia o foco
nome sujo
garfo com ferrugem
telha rachada
rede molhada

filas na loteria

publico?

não estou legal
não vou ao museu

desgraça de braça

essa miséria
matéria no jornal não

baratas no armário
o vestuário cheira a mofo

nesse ca(fofo)
pia entupida
criança chora
comida
chegou a fatura
ó vida dura
mastiga a fala o vento cala

quer

feijão na água de sal
rachadura na parede

água cortada luz queimada
pé no chão
muita sede
muita sede
muita sede
joelho inchado
gota dor escrota

reumatismo ceticismo

desgraçado danado
dói o corpo
médico ausente
livro inédito
vista cansada
não é nada

na rua noturna
a prostituta astuta
na labuta batuta

doença venérea gonorreia
o sujeito-objeto
não sente afeto
quer um teto

bebida na mesa
embriaguez

— |

prato vazio
sorriu a fome

fogo sem chama des(grama)
um tiro feminicídio
criança órfã
inquérito demorado
fugiu o assassino

na feira do rolo
atirou no soldado
foi baleado
ficou no hospital
condenado foi abusado

não voltou à cela
fugiu para a favela
trabalha na boca
trocou de roupa
tem um fuzil
cheira cocaína
quer uma menina
puta que pariu
houve tiroteio
a favela tem labirintos
beco estreito
polícia recua

cresceu o menino
comprou uma arma

saiu no dia dos pais o rapaz
não tinha filho

a moça nua
o sargento olha

ela se molha
desce a lama
ele chama
ela não vem
olha por uma brecha
desce pedra desce areia

o cão fareja
vozes distantes
confusão na mente
mata a gente
alguém fala
culpa do sargento

foi nada nem cilada
no filme romântico
a mocinha
para espanto
ficou com o bandido
ela queria um lobo mau

perdem a infância
para colher dela as folhas
há um vírus

cai a chuva

uma tragédia
o barraco cede
o corpo fede

cadê a testemunha
sumiu no vento
cena do crime armada

o perfume que todos usam
vem de uma planta
em que as crianças

ameaçando matar
idosos com salário de fome
diabéticos com seu sangue de mel
tempo nublado peito chiado
fumantes passivos compulsivos
a cada manhã os jornais trazem as mesmas manchetes
cansadas superadas
meu carro é vermelho
tenho camisas vermelhas
já fui chamado de comunista

sou antifascista
o burro deitou

está com uma ferida no dorso
preciso de água com sal
onde estão meus amigos?
estão todos bêbados
não ouviram o apito chamar
amanheceram deitados

sujos de fezes
fedendo a urina

abusados pela noite
muito açoite
hematomas glaucomas
adeus rainha de bateria
acabou o carnaval
tua nudez foi minha folia
diverti minhas mãos
na cama da tua amante
enquanto tu sambavas

eu estava como águia
de olhos vidrados



Jonas Pessoa do Nascimento

É cearense, formado em Letras, professor de Língua Portuguesa no Distrito Federal. Foi vencedor de prêmios literários como: Salão de Dezembro de Poesia, da Fundação da memória Republicana — memorial José Sarney — Maranhão 1993, I Prêmio Literário do Amazonas. É autor de: *O Grito* (2010), *Pedaços da Existência* (2013), *Palavras Trocadas* (2015), *Faces da (In)Diferença* (2016), *Lamentos* (2017) *Diagnostico Duvidoso* (2020), livros lançados em plataforma do Cubedeautores.com.br

Em 2018, por ter vencido o I prêmio de Literatura do Amazonas, lançou *Chão Partido* pela editora Kazuá.

Livros iluminam

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em novembro de 2022.
